

HISTÓRIA DAS DISCIPLINAS ESCOLARES E HISTÓRIA ORAL: ALGUNS APONTAMENTOS

Rosane Michelli de Castro¹
Viviane Cássia Teixeira Reis²
Karina Cássia Oliveira Reis³

Introdução

Este artigo resultou de parte dos nossos trabalhos realizados no âmbito do projeto integrado de pesquisa “A história da didática em instituições de formação de professores no Brasil (1827-2011)”, o qual se encontra, por sua vez, em desenvolvimento junto a um programa de pesquisa com o mesmo título a ser desenvolvido em várias etapas. Tanto esse projeto quanto esse programa de pesquisa têm como objetivo geral identificar, reunir, selecionar, sistematizar, analisar e interpretar aspectos da didática, como disciplina e campo de conhecimento em instituições de formação de professores no Brasil, entre 1827 e 2011. Nosso interesse em desenvolver tal pesquisa e programa de pesquisa é decorrente da crença de que, mediante a reunião de aspectos constitutivos de cada disciplina dos vários cursos de formação de professores, existentes em períodos diversos no Brasil, constituem o que se pode chamar de uma história da didática em cursos de formação de professores no Brasil.

Acreditamos, portanto, que desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina e que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também as grandes finalidades que presidiram sua constituição e o fenômeno de aculturação da massa que ela determina, então, a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação, mas também na história cultural (CHERVEL, 1990).

Além disso, há outro aspecto diretamente imbricado com a história das disciplinas e que diz respeito ao saber professoral que move cada disciplina.

Para Goodson (1995), o professor é um dos principais elementos na construção de uma disciplina escolar que está diretamente ligada à *tradição disciplinar* predominantemente na história de uma disciplina, influenciando assim esta construção. Neste sentido, mesmo que haja um planejamento idêntico para as várias instituições escolares, em sua aula, o professor tem o domínio e a ampla liberdade para uma construção disciplinar segundo seu contexto e seus saberes acumulados para tal mediação.

¹ Doutora em Educação; Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Unesp/Marília; Marília, SP. rosanemichelli@marilia.unesp.br

² Mestranda em Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Unesp/Marília; Marília, SP. vivianereis@marilia.unesp.br

³ Licenciada em Letras e graduanda em Pedagogia; Faculdade de Filosofia e Ciências – FFC – Unesp/Marília; Marília, SP. Karina_rane@hotmail.com

Portanto a constituição dos saberes escolares específicos de cada disciplina, do currículo, neste caso a disciplina da Didática, é resultado de um complexo processo envolvendo conflitos, mediações diferentes por diversos sujeitos e instituições, diante dos papéis que, em cada época e sociedade, são atribuídos à escola.

Considerando-se a grande variedade de instituições de formação de professores no Brasil e, portanto, a variedade de saberes que formam e formaram os professores que atuam nas várias instituições até os nossos dias, estudar a história das disciplinas, considerando o saber professoral que a embalou em cada instituição, significa buscar aspectos de um conjunto heterogêneo de saberes que contribui para a compreensão do campo de conhecimento sobre a história da formação de professores no Brasil.

Tal compreensão possibilitou-nos perspectivar o desenvolvimento deste nosso projeto de pesquisa sobretudo à luz do conjunto de princípios teórico-epistemológicos que fundamentam e norteiam a chamada história oral.

História Oral e história das disciplinas escolares: breve histórico

A história oral permite compreender, corrigir ou complementar outras formas de fontes para a pesquisa. À luz do referencial teórico do campo da História das disciplinas escolares que se utiliza em sua maioria de documentos de instituições pesquisadas, como programas, manuais, atas, compêndios, currículo, entre outros, esses documentos geradas a partir da memória oral pode levar ao encontro de aspectos sobre o currículo real e suas práticas no interior de tais instituições, isto é, o que foi feito do currículo prescrito no cotidiano escolar. A história oral, portanto, é parte do processo de construção da história da instituição, porque traz consigo, a partir das memórias expressas mediante relatos, as práticas, do interior da escola, nem sempre presente nos documentos.

Atualmente o enfoque da história oral está em justamente ter como fonte oral, a história de pessoas e grupos socialmente excluídos, ou esquecidos, em que muitas vezes são retratadas pela história escrita de forma falha ou distorcida. E, então que, a partir da memória oral é possível pensar as construções de identidades no mundo.

Com relação à História das disciplinas escolares e o viés da História Oral atualmente difundido, eles se encontram por darem vez e voz ao cotidiano, às práticas e às memórias; no caso da História das disciplinas escolares, ao dar espaço aos documentos dos acervos das instituições e não apenas aos documentos prescritos, e quanto à História Oral, por dar vez e voz não somente aos vencidos, mas também aos excluídos.

Com relação à História das disciplinas escolares, Vinão (2008) afirma que ela se configurou a partir da década de 1970, com os estudos do currículo e, nesse momento, correspondente ao momento da 3ª geração da Escola dos Annales, ou seja, da chamada Nova História ou História Cultural, teria sido crescente o número de pesquisas sobre a História das disciplinas escolares, instituições, e a cultura escolar.

Dentro da Nova História Cultural temos três grandes tendências de pesquisas, e, uma delas, norteadora dos escritos de Carlo Ginsburg, a história da cultura, com noções de cultura

popular e a circularidade cultural, trabalhando com a abordagem da micro-história, que mais se aproxima da nova abordagem em História Oral, da história vista de baixo.

Dentro desse período então, a História Oral foi, segundo François (1996, p. 4),

[...] inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), a história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” [...], atenta às maneiras de ver e de sentir, que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-histórica”.

A obra “A voz do passado” de Paul Thompson, foi um marco por propor a ideia de que a história oral deve promover a história dos excluídos, a história do povo, atuando como uma contra-história, trazendo novos métodos e objetos, como explicitado acima.

À guisa de uma (in) conclusão

A história oral, não como autobiografia, mas como pesquisa, produção científica, pode propiciar ao pesquisador “[...] um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados” (THOMPSON, 1992, p. 25), enriquecendo as pesquisas em desenvolvimento.

Para Demartini (2006), os trabalhos sobre memória e educação vêm sendo desenvolvido há vários anos “[...] acompanhando o movimento de retomada da temática da memória por disciplinas variadas, e especialmente pela adoção de metodologias de pesquisa qualitativa nas ciências sociais e na educação.” (DEMARTINI, 2006, p. 101). E, para autora “[...] existem aspectos que o trabalho com histórias de vida de velhos professores nos tem levado a perceber: se há críticas ao trabalho do historiador com memórias, é preciso levá-las em conta e lidar com os relatos que são parciais, elaborados a posteriori dos fatos em estudo, subjetivos.”

Em História das disciplinas escolares acreditamos que são aspectos que nos levarão a uma nova elaboração de questões para que no confronto, na diferenciação com outra fonte, a fonte oral possa privilegiar a informação a ser obtida, que por meio de outra fonte não foi contemplada.

Referências

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

DEMARTINI, Z. Memória e educação. In: WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. (Orgs.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo. SESC SP – Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 99-110.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da história oral. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GOODSON, I. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: WORCMAN, K.; PEREIRA, J. V. (Orgs.). **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo. SESC SP – Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 17 - 44.

VIÑAO, A. A história das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.18, set./dez. 2008, p. 174-215.